

O interesse dos credores na conversão

por Paulo Sotero
de Nova York

Antes de iniciar o discurso com o qual encerrou o seminário "Oportunidades de Investimentos no Brasil Através da Conversão da Dívida", realizado pelo Council of the Americas e por este jornal, na última sexta-feira, em Nova York, o ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, olhou para os dois lados do superlotado salão Astor, do hotel Inter-Continental, e observou: "Pelo número de pessoas aqui presentes, ou vocês são muito curiosos ou têm confiança no Brasil. Acredito que a segunda hipótese seja a correta".

O ministro atualizou os participantes do seminário sobre os esforços que o governo brasileiro vem fazendo, na frente interna, para ajustar a economia, e na frente externa, para normalizar suas relações com



Mailson da Nóbrega

os credores. "Nós esperamos que os nossos parceiros na comunidade internacional respondam positivamente aos nossos esforços", convidou ele.

Se a quantidade de participantes servir de indicação, o seminário da última sexta-feira confirmou, de fato, o grande interesse de bancos credores na transformação de uma parte de seus empréstimos em investimentos no Brasil. Trezentas pessoas — bem mais do que os organizadores haviam inicialmente previsto e a maioria composta de representantes de bancos estrangeiros — pagaram US\$ 400 para ouvir explicações sobre o programa brasileiro de conversão dadas por representantes do governo e da iniciativa privada. Perto de cinquenta, que deixaram para fazer sua inscrição na porta, não conseguiram entrar, por falta de lugar.

Concebido como uma sessão de trabalho, na qual representantes de bancos credores, de firmas de investimento e demais interessados teriam oportunidade de esclarecer suas dúvidas sobre o programa brasileiro de conversão, após a realização do primeiro leilão, o seminário produziu algumas informações valiosas.

Arnim Lore, o diretor da Área Externa do Banco Central, que falou no painel inicial, fazendo, com o presidente do Banco do Brasil, Mário Berard, uma apresentação do programa de conversão, deixou claro, por exemplo, que o governo brasileiro não pretende estabelecer nenhuma distin-

ção significativa para a conversão via leilão e dos créditos depositados no Banco Central e ainda não vencidos, porque isso equivaleria a fixar "um critério diferente para cada investidor".

Lore advertiu, também, que o Banco Central adotará as providências que julgar cabíveis se identificar casos de especulação com conversões a serem feitas fora do leilão, segundo regras que serão anunciadas brevemente. O Banco Central, informou ele, já tem pouco mais de US\$ 2 bilhões de pedidos de conversão dos empréstimos feitos sob a Resolução nº 432 e a Circular nº 230.

Lore, que fez uma interessante exposição sobre a evolução da conversão da dívida em investimentos no Brasil nos últimos trinta

(Continua na página 40)

O interesse dos credores na conversão

por Paulo Sotero
de Nova York

(Continuação da 1ª página)

anos, ilustrada com números, acenou também com a possibilidade de o governo brasileiro, numa fase mais adiantada do processo de reestruturação por que passa a economia brasileira, vir a atenuar o monopólio que o BC exerce hoje sobre a taxa de câmbio. "Estudos em profundidade, nesse sentido, estão sendo conduzidos pelo banco", informou.

O presidente do Banco do Brasil (BB), Mário Berard, anunciou planos da instituição que dirige de passar a desempenhar um papel importante na conversão. "A intenção do BB é de criar e administrar (seu próprio) fundo de conversão", afirmou ele, acrescentando que o BB está estudando, também, a formação de uma nova subsidiária, sob a forma de um banco de investimentos.

Coube a Berard dar, também, aos representantes dos credores, a notícia de que o governo brasileiro e empresas privadas estão estudando "a possível expansão do programa de conversão para cobrir também as atividades de exportação". A conversão de dívidas por exportação, uma opção que os credores e o mercado certamente vêem com agrado, "pode-se mostrar uma opção para estimular a economia local e observar o nível de emprego e, ao mesmo tempo, favorecer operações comerciais internacionais, criando vantagens para compradores e devedores". O presidente da Comissão de Valores Mobiliários, Arnold Wald, informou que o órgão que dirige já aprovou a formação de trinta fundos de conversão. "Isso demonstra claramente o interesse que essa fórmula despertou entre os credores e justifica, portanto, a previsão de que o montante de conversão em 1988 será

de US\$ 4 bilhões, incluindo investimentos em empresas e em bolsa."

Wald destacou o papel que a conversão poderá ter no processo de diminuição da presença do Estado na economia, através da privatização. A privatização, através de operações de conversão, pode chegar ao montante de US\$ 30 bilhões, que é o valor da dívida externa do setor público ainda não vencida, servindo como um instrumento eficiente para diminuir o déficit público e a inflação.

Para David Gill, diretor do Departamento de Mercado de Capitais da International Finance Corporation (IFC), do Banco Mundial, e único orador não brasileiro que participou do seminário, a conversão terá um outro efeito benéfico: ela reforçará e permitirá uma expansão do mercado acionário brasileiro. "O Brasil pode ter um mer-

cado de ações de US\$ 200 bilhões", afirmou ele. Mais importante, assinalou Gill, a conversão, na medida em que reduz a dívida e melhora a capacidade de pagamento do País, poderá levar o Brasil a recuperar o crédito na praça, que é a verdadeira medida da normalização das relações com o mercado financeiro internacional. "Se o Brasil converter US\$ 30 bilhões, a relação entre sua dívida e o PIB ficará na mesma faixa da dos países da OCDE", afirmou ele.

Na mesma linha de Gill, Roberto Teixeira da Costa, o primeiro presidente da CVM, que hoje comanda sua própria firma de investimentos, no Rio de Janeiro, disse que a internacionalização, via conversão, do mercado de ações brasileiro — que ele classificou de "ciclótico" — poderá tornar seus preços mais compatíveis com os pa-

drões internacionalmente aceitos. Nesse processo, novos centros de decisão serão criados, diminuindo a concentração atual. Assinalando uma importante mudança potencial de percepção no País, Teixeira da Costa afirmou que "o investidor passará a ser visto como um parceiro e não como adversário".

O seminário foi movimentado por apresentações sobre oportunidades de investimentos e de negócios, via conversão, feitas em quatro "workshops" realizados em três salões do hotel Inter-Continental.

Os presidentes das bolsas do Rio de Janeiro, Sérgio Barcellos, e de São Paulo, Eduardo da Rocha Azevedo, explicaram a estrutura e o funcionamento das instituições que dirigem.

Narciso da Fonseca Carvalho, o vice-presidente de Operações Internacionais

do Banco do Brasil, e executivos do Banespa, discutiram aspectos legais e normativos da conversão. E o secretário do Comércio do Paraná, José Carlos Gomes de Carvalho, ofereceu uma oportunidade concreta de investimento via troca de dívida, anunciando a assinatura, pelo presidente Sarney, do decreto que autoriza a construção da Ferroeste, um ambicioso projeto de US\$ 450 milhões que será 80% controlado pela iniciativa privada.

Alguns participantes do seminário certamente deixaram o hotel Inter-Continental frustrados por não terem visto respondidas dúvidas mais específicas que tinham sobre aspectos do programa de conversão que ainda estão sendo discutidos pelo governo.

Os oradores enfrentaram algumas perguntas difíceis. Um participante indagou, por exemplo, sobre

os planos de privatização do governo brasileiro. "Não seriam eles apenas uma armadilha para atrair investimentos privados para o setor público, via conversão, o que acabaria beneficiando os coronéis aposentados que comandam as estatais?", perguntou um dos participantes.

Perguntado sobre corrupção no governo, o ministro Mailson da Nóbrega disse que há certos temas que "eu só discuto no Brasil". Diante de manifestações pessimistas sobre a situação brasileira, ele lembrou que o País vive uma difícil transição para a democracia e comparou o processo brasileiro com o da Espanha. "Na Espanha também foi muito difícil. Houve atentados, houve assassinatos. Nós, no Brasil, estamos enfrentando enormes dificuldades no nosso processo de transição, mas não tivemos mortes nem desastres. O brasileiro é um povo pacífico".

A presença maciça que o seminário despertou e a franqueza que marcou as intervenções feitas animaram o embaixador do Brasil em Washington, Marcílio Marques Moreira, ao encerrar o evento, a fazer uma conclamação por uma mudança substantiva na qualidade do relacionamento entre o Brasil e seus credores e investidores potenciais. "E da maior importância encerrar de uma vez o círculo vicioso do ressentimento, das acusações mútuas, da transferência de responsabilidade dos conselhos sobre como melhor o outro deve se comportar, e iniciar um círculo virtuoso, no tentar aprender um com o outro, de compartilhar responsabilidades, construindo junto uma estratégia criativa na qual se pode desenvolver uma relação mutuamente enriquecedora, construída no respeito, na compreensão e na cooperação".